

ICNOFÓSSEIS EM DOLOMITOS LACUSTRES DA FORMAÇÃO ALCÂNTARA, REGIÃO DE ALCÂNTARA, MARANHÃO

Sena, W.A.O.¹; Pinto, E.S.¹; Reis, L.N.¹; Telis, D.L.¹; Furtado, G.R.¹; Oliveira Neto, P.C.¹;
Soares, J.L.^{1,2}

1 Universidade Federal do Pará; 2 Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geoquímica da UFPA

RESUMO: A Formação Alcântara aflora na borda nordeste da Bacia de São Luíz e é representada por depósitos de idade Neoalbiana a Cenomaniana constituídos por associações de arenitos, siltitos, argilitos e dolomitos com espessuras que variam de 30 a 35 metros. O presente trabalho analisou um afloramento desta Formação localizado na praia da Baronesa no município de Alcântara, com objetivo de realizar a descrição dos icnofósseis que ocorrem nas camadas dolomíticas associadas com depósitos lacustres costeiros. Estes depósitos estão associados a leques de *washover* e configuram um sistema lacustre com ilha-barreira. A metodologia adotada foi baseada na descrição morfométrica dos icnofósseis, na classificação icnotaxonômica (icnogênero e icnoespécies) e determinação da icnofácies e icnofábrica. O afloramento estudado consiste em falésias com espessura média de aproximadamente 30 metros. Neste afloramento são observados ciclos de raseamento ascendente caracterizados por intercalações de siltito arenoso com laminação planar, siltito maciço e dolomitos laminados que marcam o topo de cada ciclo. As camadas dolomíticas encontram-se distribuídas em cinco níveis com espessuras variando entre 20 e 40 cm. Os dolomitos são finos e exibem laminação microbial, localmente configuram laminação convoluta, icnofósseis e gretas de contração no topo das camadas. Os icnofósseis ocorrem principalmente no topo das camadas de dolomito, porém distribuídos de forma heterogênea, e pouco destroem a laminação interna. Foram identificados quatro registros icnofósseis: I) *Taenidium* cf. *barretti*, escavações cilíndricas, retilíneas a levemente sinuosas, sem paredes e ramificações e com preenchimento ativo em forma de meniscos regularmente espaçados em torno de 2 a 3 mm. Pontualmente, ocorre interposição desses tubos, cujos tamanhos médios variam de 6 a 8 cm e diâmetros de 0.9 a 2 cm; II) *Palaeophycus* isp., tubo sinuoso, horizontal com preenchimento passivo, diâmetro de 7 mm e comprimento de 6,3 cm; III) *Phycodes* isp., escavações horizontais em formato flabelado apresentando ramificações aleatórias, os tubos variam de 6 a 7 cm de comprimento e entre 2,5 a 3 cm diâmetro; IV) cf. *Rhizocorallium*, compreende tubos em forma de U, horizontais a oblíquos em relação ao acamamento, com comprimento entre 9 a 11 cm e diâmetro entre 0.9 a 1.5 cm. A predominância de icnofósseis horizontais associados a hábitos detritívoros sugere icnofácies Cruziana. As camadas dolomíticas apresentam entre 15 e 20% de bioturbação. O contexto paleoambiental em que os icnofósseis foram produzidos se traduz em um ambiente lacustre raso com taxa de sedimentação moderada, períodos de exposição subaérea, moderada salinidade e variações locais na taxa de nutrientes disponíveis. Além disso, o fato dos icnofósseis ocorrerem somente no topo das camadas de dolomito sugere que variações sazonais podem ter controlado a ocupação do substrato. Períodos de intenso influxo de material terrígeno e de água doce pode ter inibido a proliferação de organismos no fundo do lago. A diminuição da coluna d'água, o aumento da salinidade e a precipitação de carbonato biogênico (microbial) possibilitou a ocupação do substrato por organismos detritívoros marinhos.

PALAVRAS-CHAVES: ICNOFÓSSEIS; DOLOMITOS; FORMAÇÃO ALCÂNTARA.